

GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO: MEMORIAL DESCRITIVO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Luzinete Carpin Niedzieluk
Faculdade Municipal de Palhoça - (FMP)
Palhoça, Santa Catarina, 88130-475

RESUMO

O foco do presente trabalho concentra-se em trazer o gênero textual/discursivo: memorial descritivo para o curso de Pedagogia como recurso didático-pedagógico com a finalidade de que os alunos rememorem sua trajetória de alfabetização e letramento, desde a educação infantil até o momento em que se encontram no curso superior. O referencial teórico utilizado consiste em Bakhtin (1985; 1999), PCNs (1998; 2001) etc. A metodologia é dialógica e qualitativa. Os resultados vêm se mostrando relevantes, pois, a maioria dos alunos, ao escrever seus trabalhos, conseguem por meio da lembrança analisar com bastante eficácia os diversos paradigmas didático-metodológicos pelos quais passaram.

0 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta resultados de três anos de trabalho com o curso de Pedagogia, 4ª fase, em que os(as) alunos(as) escrevem seus memoriais descritivos, resgatando lembranças desde a educação infantil até o momento que se encontram no curso superior. Esta é uma maneira de fazer com que estes sujeitos compreendam os momentos sócio-históricos diferentes pelos quais passaram e aos poucos percebam as diferentes maneiras de ensino-aprendizagem em ambiente escolar.

O referencial teórico utilizado consiste em Bakhtin (1985; 1999) [1], PCNs (1998; 2001) [2,3], RCN (1998) [4], Morin (1997; 2000) [5], Soares (2001) [6] e outros mais. A metodologia utilizada é dialógica e qualitativa. As turmas são da 4ª fase e possuem em torno de 30 a 40 alunos(as) e o esmero destes em revisitar o passado é muito gratificante, no decorrer do trabalho percebe-se uma aproximação maior deles com a família que envolve mães, tias(os), pais, amigas(os) etc., na busca de lembranças já esquecidas. Alguns reencontram antigos colegas por meio das redes sociais na procura de informações. Nesse sentido, o trabalho promove a interface entre a prática e a teoria apreendida em sala de aula.

1. O que é um memorial descritivo?

O memorial descritivo é considerado, nesta pesquisa, como um gênero textual/discurso que atualmente, de acordo com a análise dialógica da linguagem pertence à esfera social científico-acadêmica. A palavra memorial deriva do latim *memoriale* apresentando os seguintes sentidos:

- a) a escrita de memórias;
- b) significa o momento de acontecimentos memoráveis.

O momento – que quer dizer ‘lembra-te’ – de modo geral pode ser compreendido como uma marca que serve para lembrar qualquer coisa.

Nesse sentido, o memorial descritivo se caracteriza como uma auto-avaliação, instrumento das coerências, incoerências e das relações estabelecidas durante o período de sua realização recordando as memórias desde a educação infantil até a entrada no curso de graduação e estágio, levando em conta o desenvolvimento dos trabalhos executados, apresentados e expostos que possibilitará a renovação da caminhada escolar,

profissional, a qual apresenta a formação construída ao longo da vivência de cada aluno(a) na sua fase de alfabetização e letramento escolar. É uma forma de reconstituir a própria existência, unir passado, presente e futuro.

É considerado também como "o relatório de informações do indivíduo apresentado de maneira crítica" ou "o conjunto de informações sobre as habilitações do indivíduo, apresentado de maneira sequencial", isto é, uma autobiografia narrada histórica e reflexivamente pelo autor.

Entende-se que é uma ação reflexiva sobre como estes alunos alfabetizaram-se, por quantas escolas passaram, de quantos professores lembram-se com afeto e de quantos se lembram com terror, de quantos amigos ainda recordam-se, se sofreram *bullying* (termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo em ambiente escolar) e de que forma, o que fez superar as suas dificuldades, que métodos deram resultados no seu processo de ensino-aprendizagem que poderão utilizá-los adaptando-os a realidade escolar em que ministrarão suas futuras aulas e entrelaçá-los as novas metodologias.

1.2 A natureza sócio-ideológica da linguagem: decifrando a terminologia

Apresentaremos aos alunos um pouco da história e dos conceitos sobre linguagem, língua, linguística e suas contribuições para o estudo da língua materna. Iniciamos pelos estudos pré-saussurianos que podem ser considerados em três fases: a filosófica, a filológica e a histórico-comparatista, passeamos pelo estruturalismo europeu destacando Saussure e seu célebre livro *Curso de Linguística Geral* (1906 e 1911), como também, trazemos os linguistas de Praga, dentre eles, Trubetzkoy e Bühler, concomitantemente, adentramos ao estruturalismo americano destacando o livro *Linguagem* de Bloomfield (1933) e o gerativismo proposto por Chomsky, a sociolinguística laboviana e chegamos a análise dialógica do discurso proposta por Bakhtin e Volochinov no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1999), em que, estes autores buscam a origem e o desenvolvimento da linguagem no campo das relações sociais distanciando-se das teorias da informação e da perspectiva do objetivismo abstrato vigentes na época. Os autores consideram a comunicação como uma interrelação produtiva e semiótica, ou seja, como *interação*.

Desta forma, a linguagem passa a ser entendida como a forma materializada da comunicação social, sendo a sua existência consistida como *signo*, refletindo nos seus elementos, a organização econômica e sócio-política da sociedade que a gerou. Os signos se realizam no processo das relações sociais, determinados e marcados pela organização social dos indivíduos e pelas condições de produção em que a *interação* acontece (realidade), porém eles também refletem e refratam uma outra realidade que lhe é exterior (a ideologia). Para Bakhtin e Volochinov tudo o que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*. E, *tudo que é ideológico possui um valor semiótico*. (1999, p. 31-32, grifo dos autores).

Sendo esta a concepção de linguagem adotada pelos documentos oficiais - Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998 (PCNs), e também pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), procuramos esclarecer a mudança construída neste percurso sócio-histórico para que os alunos observem na escritura de seus memoriais as várias formas de ensino-aprendizagem pelas quais foram alfabetizados e que permanecem sendo letrados.

1.3 A concepção de gêneros textuais/discursivos

Segundo Bakhtin (1985), o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, que por sua vez, são construídos em um determinado gênero do discurso. Estes gêneros são considerados pelo autor como tipos relativamente estáveis e normativos de enunciados que se constituíram historicamente nas diferentes interações sócio-discursivas. Convém ressaltar que o conceito de tipo corresponde a uma forma concreta e histórica e não a uma concepção de caráter teórico abstrato.

Nesse sentido, para além das formas da língua (léxico, gramática), são necessárias, para a interação verbal, as formas do discurso, ou seja, os gêneros, que são manuais de organizar a informação em determinada composição e estilo. Ambas (formas da língua e do discurso) são necessárias para a intercompreensão, entretanto, os gêneros são mais flexíveis e combináveis, mais sensíveis e ágeis às mudanças da comunicação social do que as formas da língua. Tanto as formas da língua quanto as formas do discurso se adquirem conjuntamente porque aprender a falar significa aprender a construir enunciados e construí-los em determinada forma genérica (gênero).

Bakhtin aponta três aspectos constitutivos dos gêneros: o conteúdo ou seleção dos temas; o estilo verbal ou a escolha dos recursos linguísticos (seleção dos recursos fraseológicos, léxicos e gramaticais da língua); e a organização/construção composicional (seleção dos procedimentos composicionais para a organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva e para levar em conta os participantes da comunicação discursiva).

É de grande importância a reflexão bakhtiniana no que tange ao domínio da língua, pois Bakhtin diz que, ao aprendermos a falar, aprendemos a estruturar enunciados e não frases soltas, moldamos o enunciado em estruturas que nos pré-existem, os gêneros textuais/discursivos. Tal concepção é de suma importância para o ensino, pois, para fazer parte de uma comunidade de falantes não é suficiente só saber as prescrições da língua, mas conhecer os gêneros, que são tão indispensáveis quanto às formas da língua para uma comunicação eficiente

Nesse sentido, são as funções e as condições determinadas e específicas para cada esfera da comunicação discursiva que geram determinados gêneros, com isso, temos uma variedade grande de gêneros porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e cada esfera tem um repertório próprio de gêneros preestabelecidos que se diferencia à medida que esta esfera se desenvolve. A seguir, alguns exemplos: a) na esfera científico-acadêmica: a resenha, o fichamento, o tcc, a dissertação, a tese, padronizadas e normativas; b) na esfera íntima: o diálogo, marcado pela relação assimétrica entre os interlocutores; c) na esfera literária: o romance, o conto, a poesia; d) na esfera jornalística: a carta do leitor, o editorial, textos curtos, orientados para a editoria e os leitores.

Os gêneros primários (conversa oral cotidiana, cartas, diários íntimos, relatos cotidianos etc.) são constituídos em circunstâncias de comunicação discursiva espontânea, enquanto que os gêneros secundários (romances, editoriais, discursos científicos: palestras, memorial descritivo) aparecem nas condições da comunicação cultural mais "complexa", relativamente mais desenvolvida, principalmente escrita: na comunicação artística, científico-acadêmica, sócio-política e outras mais.

2. A experiência de escritura do memorial descritivo

Não apresentamos em nossas aulas modelos de memoriais, pois conforme Bakhtin (2001) cada aluno tem sua própria maneira de escrever, apenas informamos que este aluno deve escrever tudo o que recorda desde a sua entrada na escola infantil até o momento em que se encontra no curso superior. Deve relembrar sua história de vida, embora não possa revivê-la na íntegra, e isto é poder reconstruir, a partir das concepções atuais, as experiências de outrora. É por meio desta relação, entre passado e presente, com vistas ao futuro, que as narrativas das histórias e trajetórias de vida surgem como dispositivo de formação e reflexão de cada aluno(a).

Lembramos aos alunos que o memorial descritivo é a oportunidade de escreverem suas impressões sobre seu ensino-aprendizagem, os seus acertos, as suas vitórias, os seus avanços, mas também, devem escrever as suas falhas, os momentos de desânimo, as paradas, os gostos e desgostos da sua trajetória de vida. Nesse sentido, é um exercício de pensar, deixando que as experiências falem de si. As palavras de Freire (1996, p. 28) [7] expressam bem o sentido do memorial descritivo: "Vamos-nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte". Os(as) alunos(as) percebem que é na faculdade que encontram espaços de atuação que os fazem problematizar e observar no dia-a-dia a questão da fragmentação do conhecimento, na busca de um olhar complexo, um olhar do todo, de uma relação e uma articulação mais profícua do que se aprendeu e está se aprendendo na graduação para a vida prática das instituições escolares.

Na condição de professora/pesquisadora procura-se mostrar aos alunos que estes devem se colocar na posição de escutadores deles próprios e de outros. Assim, compreenderam melhor a vida da escola, as vidas que ali fluem e, sobretudo, se (re)conheceram melhor como pedagogos em formação. Dispor-se a praticar escuta, pois quem de fato escuta o outro, como bem ilustra Morin (2000, p. 19), exercita um processo de "descoberta de nós mesmos em personagens diferentes de nós".

Dar voz a estes futuros profissionais é viabilizar um processo de formação, reflexão, afirmação e (re)conhecimento de si, um processo de auto-conhecimento e (re)conhecimento da potência de sua vida.

2.1 As narrativas das(os) alunas(os)

Traz-se a narrativa de um aluno, ressalta-se que alunos são em minoria neste curso em que predominam as alunas. Este aluno menciona um fator importante em seu período de alfabetização e letramento:

“A merenda escolar também era um dos motivos pelo qual gostava de ir para a escola, não via a hora do sinal bater para poder lanchar, era muito bom, nós não passávamos fome em casa, mas só tínhamos o básico que era o arroz e o feijão com carne, graças a Deus, comida nunca faltou, mas a merenda fazia a diferença para mim.”

Sabe-se que até nos dias atuais, em alguns estados do Brasil, as crianças frequentam a escola apenas para se alimentar e em outros locais para que suas famílias recebam o salário-família. Este mesmo aluno complementa dizendo:

“Os professores não estavam preparados adequadamente para atenderem as necessidades dos alunos, havia muito rigor e as formas de castigo eram de forma exagerada o que fazia com que os alunos ficassem com medo de ir para a escola, o respeito era imposto e não conquistado, mas a disciplina funcionava.”

A afirmação deste aluno, mas parece um desabafo quando diz que os alunos tinham medo de frequentar a escola, mas a disciplina funcionava, será que isto, na concepção do aluno significa que com um professor que apresente maior rigor nas suas aulas, o aluno aprende melhor e, se assim o for, isto contraria, as metodologias atuais de ensino-aprendizagem que propõem diálogo, interação.

Dando sequência ao artigo se apresenta novas narrativas para mostrar as inquietações desses alunos que frequentaram a escola nas décadas de 70, 80 e 90. Ressalta-se que todos os nomes utilizados na pesquisa são fictícios.

“Estudei da 1ª a 4ª série, na casa de minha tia Adonis Bezerra, localizada no sítio Tabuleiro, no município de Brejo do Cruz na Paraíba, pois era lá que a mesma lecionava. Lembro-me que era uma sala grande, onde os alunos de 1ª a 4ª série estudavam todos juntos, com uma única professora: minha tia. [...] Fui alfabetizada pelo método silábico. Aprendi a ler e escrever, primeiramente, as vogais e suas famílias. Também fiz cópias e ditados.”

Quando a aluna passa a falar do ensino médio, observa-se a dificuldade e a mudança nos métodos de ensino:

“Foi uma mudança muito grande, passei a ter várias disciplinas, muitos professores. Tinha que sair de casa todos os dias às 5h30min da manhã, fazíamos 2 km de caminhada para pegar o caminhão dos estudantes que nos levava até o Colégio. As aulas começavam às 8h00 e terminavam às 12h00, mais uma vez fomos pegar o

caminhão dos estudantes, pois era o único meio de transporte que havia para nos levar mais próximo de casa, e então de novo caminhávamos 2 km, e o pior, fazer tudo isso com fome. E quando chegava a casa, comia e ia trabalhar na roça juntamente com meus pais e irmãos.”

Percebe-se, neste enunciado, as dificuldades enfrentadas pela aluna ao mudar seu nível de ensino, pois nas séries iniciais havia apenas uma professora para todas as matérias e após há uma confusão na cabeça da aluna quando se depara com vários professores para cada matéria. Aqui, cabe uma reflexão sobre a grade curricular, será que se deve permanecer com ela? A cabeça dos alunos está preparada para receber informações diferenciadas a cada 50 minutos?

A maioria dos(as) alunos(as) mencionam esta dificuldade no momento em que saem da 4ª ano e entram no 5º, pois a partir daí passam a ter várias matérias com professores diferentes e muitos repetem o 5º ano em função disto e também quando finalizam o ensino fundamental e entram no Ensino Médio. Confirma-se isto com os enunciados, a seguir:

“Foi muito complicado passar a ter vários professores sendo um para cada matéria. Senti dificuldades, comecei a tirar notas baixas. Repeti de ano. Este mesmo problema ocorreu quando entrei no Ensino Médio (1º ano).”

“Na 5ª série, as coisas começaram a apertar, pois era tudo muito diferente. Eram vários professores, em vez de um. [...] A escola oferecia aulas de reforço, o que foi fundamental para complementação do meu aprendizado.”

O método silábico no processo de alfabetização e letramento é recorrente nos memoriais, conforme os enunciados narrativos de outras alunas:

“A professora lecionava dentro do estilo tradicional, aprendi a escrever e a ler, a partir do método de silabação, conhecendo inicialmente as vogais, posteriormente, as consoantes e em seguida a formação das palavras. Exemplo: F+O = FO e C+A = CA = FOCA. Utilizávamos o caderno de caligrafia e o pontilhado para trabalhar a coordenação motora.”

“[...] tive a base do ensino tradicional, baseado no método da silabação, nas decorebas, questionários, arme e efetue, os famosos ditados entre outras práticas semelhantes a esta.”

O próximo enunciado traz uma forma de *bullying* já utilizada tempos atrás, mas neste período entendida como inofensiva, atualmente é considerada como formas de atividades agressivas, verbais ou físicas. Este enunciado também enfatiza as atividades com as vogais pontilhadas para serem cobertas e este método também é bastante recorrente nos memoriais.

“Era perseguida no recreio, era chamada por apelidos pejorativos, [...]. Morria de medo até de tossir dentro da sala de aula para nunca, de maneira nenhuma fazer barulho. Assim, tudo o que a professora exigia eu ia fazendo e passava logo para o próximo exercício. [...].

Em sala de aula, nós aprendíamos fazendo variados exercícios como cobrir pontilhados, a, e, i, o, u. O abecedário, depois juntar consoantes com vogais, formar familhinhas para formar palavras e [...]. Decorar tabuadas etc. [...]. Recebíamos castigos como joelhos na areia, reguadas ou cheirar parede.”

Este fato relatado no memorial da aluna, mostra não apenas a forma agressiva como era tratada por alguns de seus colegas de sala de aula, mas também, a forma como era educada pela sua família, pois não devia incomodar a professora de maneira alguma e o método tradicional de ensino-aprendizagem sendo aplicado, de forma bastante rígida com castigos aos alunos que não deixam de ser uma forma do que se denomina atualmente de *bullying* (do(a) professor(a) em relação ao aluno(a) e dentro da sala de aula com todos os demais alunos observando o fato). Complementa-se com mais narrativas de *bullying*, conforme a acima mencionada de outras alunas em escolas diferentes:

“Na quarta série aconteceu uma cena que até hoje eu não esqueço, era uma atividade de matemática para resolver no quadro e a professora me chamou para resolvê-la, mas eu não consegui, então eu disse que não sabia, a professora não aceitou isso, ficou muito brava, puxou meus cabelos e apertou bem forte no meu rosto, dizendo que eu tinha obrigação de saber e mandou eu sentar, isto para mim foi uma humilhação na frente dos colegas de classe, não sei se é por isso, mas até hoje eu não gosto de matemática.”

“A professora de física rotulou a turma de “burra”, ninguém entendia a matéria. Resumindo, deu a maior confusão e todos passaram raspando.”

Crê-se que com o avanço das metodologias de ensino-aprendizagem, fatos como estes de extrema violência simbólica do professor em relação ao aluno não ocorram mais. Infelizmente, atualmente se tem muitos relatos de alunos contra eles próprios, tanto de agressão verbal quanto física.

Prossigue-se com outro enunciado narrativo, neste a aluna descreve a professora, o uniforme utilizado, os ritos que antecediam o início da primeira aula do dia e as matérias obrigatórias na época.

“A professora Maria era calma, voz meiga e muito organizada, vestia sempre saia e blusa de manga comprida com gola. [...]. O uniforme era composto de guarda pó branco impecavelmente passado e engomado, uma gravata preta, saia para as meninas e calça comprida ou bermuda para os meninos, sapatos pretos para todos. [...]. Todo dia fazíamos fila na entrada, meninas de um lado, meninos do outro em ordem crescente. O Hino Nacional e o Hino do Estado do Rio Grande do Sul eram cantados diariamente antes do início da aula. Quando chegava a 5ª série tinha um exame chamado Admissão para continuar o ciclo de estudo, que era chamado ginásio, equivalente a 6ª série. Funcionava como uma espécie de vestibular, aterrador para todas as crianças e escolas que tinham que preparar seus alunos para a aprovação. [...] O ensino de Moral e Cívica na escola era matéria obrigatória, aprendíamos os símbolos da Pátria e seus significados, como também a matéria Práticas

Domésticas, na qual aprendíamos a bordar, costurar e outras práticas domésticas.”

Por meio deste enunciado, percebe-se mais uma vez o ensino-aprendizagem de maneira tradicional sendo trabalhado com os alunos, pois estes para frequentarem as aulas deveriam estar sempre uniformizados e antes de entrar nas salas de aula todos os dias deviam fazer filas e cantar os hinos, também lhes era imposto as matérias de Moral e Cívica e Práticas Domésticas. Deve-se ressaltar que este era o período da Ditadura Militar, em que a educação, a escola e o ensino/aprendizagem se tornam investimentos. A educação é posta a serviço do desenvolvimento econômico e da integração social.

Considerações Finais

Por meio desta pesquisa observou-se que, os sujeitos alunos ao escreverem seus memoriais descritivos têm noção da importância do mesmo no momento sócio-histórico em que se encontram. Percebem que a educação a princípio visava à adaptação do indivíduo à boa sociedade e que na atualidade só fará sentido se formar indivíduos inquietos que busquem uma nova construção da sociedade, pois é este o ensino/aprendizagem que os paradigmas educacionais contemporâneos por meio de seus documentos oficiais propõem aos educadores. A escrita destes alunos além de mostrar suas experiências e dificuldades com o ambiente escolar, também traz as mudanças no seu comportamento, as trocas de experiências, o desempenho nas atividades realizadas, as conquistas alcançadas.

Estes alunos(as) refletiram sobre a aprendizagem, sem encerrar as aulas de português como somente um espaço para decorar regras gramaticais, tampouco memorizar características a fim de fazer somente uma identificação entre os textos, assim como foram alfabetizados e letrados, mas sim, compreenderam que os textos não devem ser resumir ao mero pretexto para se abordar questões gramaticais, mas devem ser entendidos como práticas sociais que envolvem os sujeitos que constroem sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- [2] BRASIL SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- [3] BRASIL SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 13 ago. 2002.
- [4] BRASIL SEF. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. V. I, II, III. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf_esp_ref.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2011.
- [5] Morin E ; NAIR, S. *Uma Política de Civilização*. Portugal: Instituto Piaget, 1997.
- [6] SOARES, M. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 2001.
- [7] FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.